

A Comuna de “Formoso e Trombas”

A experiência que chamamos de “Comuna de Formoso e trombas” foi por muito tempo esquecida na história do país. Há alguns anos, pesquisadores e debruçaram neste período tão crucial da nossa história. Sobretudo, a obra de Paulo Cunha da Cunha, “Aconteceu muito longe” (2007), realiza um estudo profundo daquela experiência dos camponeses de Goiás.

Como bem assinala a orientadora de nosso autor, a profa. Vera Chaia, “o livro expressa a **idéia de que ‘o longe demais’ está muito perto – possibilitando emergências no presente e no futuro.** Cunha estuda esse movimento para buscar o sentido de permanência histórica – além de frisar a necessidade de resgate da história”.

Paulo Cunha caracteriza a experiência de Formoso e Trombas inserida no contexto de lutas pela terra, em que o caráter revolucionário é definido em trabalho de Octavio Ianni:

“Em essência, o seu caráter radical está no obstáculo que representa à expansão do capitalismo no campo, na **afirmação do valor de uso** sobre o valor de troca, a produção de valor, o trabalho alienado; na resistência à transformação da terra em monopólio de capital, na **afirmação de um modo de vida e trabalho de cunho comunitário**”.

Estas duas ‘afirmações’ são parte do princípio da autogestão!. esse é o fio condutor que iremos cascavilhar na experiência em questão.

Paulo Cunha capta bem esse aspecto da experiência precisamente ao buscar “valorizo para a compreensão desse objeto, um eixo teórico metodológico em Gramsci”. utiliza, então, categorias como =conselhos, hegemonia, guerra de posição e de movimento, partido-massa. Com destaque para “conselho”, que “Gramsci iniciou uma reflexão sobre a prática política dos trabalhadores a partir dos **locais de trabalho**”, dando destaque, enquanto particularidade histórica da experiência, a **organização dos camponeses em “conselhos de córrego”**.

“Na década de 50, aconteceram no campo brasileiro várias lutas de posseiros, conflitos de arrendatários e movimentos de grande envergadura, especialmente nas chamadas frentes de expansão agrícola, que tinham como ponto comum o fato de muitas delas serem decorrentes de colonização oficial.

Provavelmente, a primeira que se insere nessa linha foi a Revolta de Porecatu, seguida não muito tempo depois da luta do sudoeste do Paraná...”

Em 1941, foi fundada a CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás) em área onde já havia militância do PCB. A CANG desenvolveu três formas de ação política”. A 1ª merece destaque por seu caráter de autogestão:” A primeira, característica de sua fase inicial, foi a de cooperação, de associação comunitária, em razão de interesses e necessidades mútuas entre os colonos.”

O fato dos militantes do PCB estarem inseridos e trabalhando mão a mão com o trabalhadores rurais, Paulo Cunha destaca que “Essa vem a ser a razão principal do caráter germinador atípico de massa do PCB na região – talvez somente extrado em situação similar no campo, em Porecatu... também foi fundamental nesse processo o aproveitamento comunitário tradicional existente entre os camponeses para a formação de mutirões no desempenho de várias tarefas, e, com isso a organização da área foi ganhando impulso”.

Essa foi a base para o trabalho posterior de organização autogestionária:” O resultado mais significativo dessa interação foi o estabelecimento de uma ação coletiva

constante e em condições embrionárias que possibilitaram a formação, em uma fase posterior situada entre 1956 e 1957, dos “ Conselhos de Corregos” ...”.

“ os mutirões, já frequentes na região, propiciaram uma nova forma de ação solidária que se desenvolve nesse momento, a chamada traição, que consistia no apoio aos novos posseiros que chegavam e igualmente aqueles que estavam em dificuldades de plantio ou colheita. num raro e fascinante relato, uma campnesa assim descreve o processo:

“A traição era uma brincadeira que a gente tirava com os companheiros chegantes ou em dificuldade, que por qualquer motivo não dava conta de tirar a produção para a família. A traição era uma forma alegre e solidária da união dos posseiros. Chegavam umas 200 pessoas entre homens, mulheres e crianças. O traidor era aquele que convidava todo mundo para pregar uma peça no vizinho. O traidor organizava tudo com auxílio dos convidados, alimentação, prato, garfo, faca, enxada, punha tudo no carro de boi e ia na casa do traído. Ai, então, a gente chegava, escondia o carro de boi com tudo, e começava a dizer que sem comida a gente não ia trabalhar não. Os homens se achegava e pedia café e bricava que visita tinha que ser tratada. Então, o dono da casa, o traído ficava naquela situação, não tinha nem pra ele, como que é que ia dar de comer a 200 pessoas? Nós buscava o carro de boi e fazia o café da manhã. Metade das mulher ia cardar e fiar a lã, outra metade fazia a comida e olhava as crianças. Os homens dividia em turmas, uns iam plantar, outros colher, consertar e fazer cercas, outros iam capinã o posto. A gente fazia traição no sábado e domingo. À tardinha todo mundo banhava no rio, acendia a fogueira com muitas violas, a gente fazia o baile. depois cada qual ia pra sua casa cantando”.

A participação nos conselhos era muito grande: naquele momento, 90% dos posseiros da região contribuíam para a Associação.” E como aquela fase foi de grande produção e, mais importante, com possibilidades de colheita, ate houve disponibilidade de incremento e auxílio aos novos posseiros que chegavam quase que diariamente, incluindo apoio medico emergencial. dai decorre a construção de estradas e melhoramentos de pontes para facilitar o escoamento da produção, trabalhos esses desenvolvidos e articulados pela Associação”.

“Os Conselhos de Corrego surgiram com esse nome devido a região possuir um grande numero de córregos onde os moradores fixavam posse e faziam suas casas, em geral próximas uma das outras com fundos para um corrego. A utilização comum desses locais, fosse para lavagem de roupa ou busca de água, aliada ao tradicional cooperativismo do campesinato, veio a ser um instrumento fundamental de consolidação da resistência, união e mobilização dos posseiros. Nos momentos de luta, era a linha de frente de combate, mobilizando, informando e discutindo as resoluções da Associação”.

Guerra de movimento e guerra de posição.

Em sua segunda fase, posterior a 1958, o Conselho teve de se readaptar para uma nova situação, constituindo-se em um instrumento importante de discussão e resolução de problemas localizados, como delimitação de cercas, brigas de vizinho, que perfazem o cotidiano dos moradores. Não deixa de ser valido apontar que o **caráter democrático, participativo e deliberativo** que se apresentava pela primeira vez para a maioria dos camponeses tinha um impacto psicológico considerável”

Paulo passa a voz para o relato de José Sobrinho, um camponês:

“as pessoas que pertenciam a um conselho quando ele era lavrador, não pertenceu a nada na vida, a não ser uma enxada e uma foice para capinar. Para ele que pertence a um conselho é uma coisa muito importante na cabeça dele (...) eu toda a vida tive uma enxada e um patrão pra me mandar e gritar comigo. Agora eu sou presidente de um Conselho, sou membro de um conselho...”

Paulo Cunha ressalta o papel da cultura de cooperação existente na região: “Ainda que as formas de participação comunitária e organização tivessem sido incorporadas com muita habilidade pelo Núcleo Hegemônico, não há dúvida de que esse trabalho foi grandemente favorecido pelo cooperativismo tradicional existente no campesinato, e que no local se espessou, em primeiro momento, na frequência de mutirões”.

As atividades coletivas nos correços, para Paulo Cunha, foram base para núcleos iniciais e embrionários dos conselhos, que efetivamente tiveram vida ativa a partir de 1957.

A pesquisadora Maria Esperança sistematizou a organização da Associação em um período entre 1955 e 1957 :

- a organização de 25 Conselhos de Correços (e que segundo a autora, foram a base de toda a programação e ação da resistência), tendo a associação se transformado em órgão executivo de ações programadas, votadas e aprovadas nos Conselhos.

- a organização de diversos grupos volantes, cada qual responsável por diferentes setores, tendo por grupos principais: vigilância e assentamento de famílias de chegantes, tendo nesses um grupo destinado a averiguar as intenções dos desconhecidos e, se necessário, expulsá-los. Era nos conselhos que os homens aprendiam a manejar armas e havia treinamento.

- a criação de um sistema rápido de informação, que resultava no conhecimento de toda a região em 48 horas, e que contava com a participação efetiva das mulheres e crianças, principalmente na organização, apoio, comunicação”.

Paulo Cunha busca dados em outras fontes: o Jornal Terra Livre cita em uma reportagem de junho de 1960 que a Associação do Formoso tinha em sua base 21 conselhos de Correços. Rui Facó aponta em sua série de reportagens que no fim de 1961 os posseiros da região estavam organizados em 25 conselhos de correços e três Associações de Lavradores, “Formoso e Trombas, Serra Grande e Rodovalho”.

A articulação entre os conselhos e a Associação constituía efetivamente o Governo do território. Paulo Cunha fornece um exemplo disso, em um depoimento de camponês:

“Como a Associação tava bem, a gente planejou assim: Em primeiro lugar tava o auxílio dos camponeses chegantes; e depois as estradas, escola, o remédio e o médico. A União era tão grande lá no Formoso que, quando adoecia alguém, nós tinha um sistema em que em 18 horas nós estava com o doente no hospital. Sabe como? Era assim, a gente botava o doente na rede com um tronco e saía de um conselho no outro, quatro homens na estrada já avisado do doente, já tava mais quatro para atroca assim até chega no hospital. Nós nunca perdia doente por falta de socorro não.”

Em certo momento, afirma P. Cunha: "com o efetivo controle de toda a área pelos posseiros e o total abandono pelo governo do estado de Goiás, a associação é o governo em toda a região, bem como o poder real do território".

O exemplo deste poder está na questão da justiça. Assim,

"O ideal de justiça rápida e barata, tão badalado nos encontros de justiça e, todavia, cada vez mais distante, em Formoso era uma realidade (...). Em quatro anos não ocorreu, em nenhuma das duas (cidades Formoso e Trombas) qualquer homicídio ou lesão corporal de caráter doloso. Apenas alguns casos de furtos foram registrados e as poucas brigas geralmente aconteciam entre rapazes e eram motivadas por disputas amorosas. Afinal, Formoso e Trombas eram Brasil".